

Para além diversidade, a diferença

Rosita Edler – Licenciada em Pedagogia pela UERJ, mestre em Psicologia (FGV) e doutora em Educação pela UFRJ

Os termos *diferença* e *diversidade* são registrados no dicionário como semelhantes. Atualmente, contudo, entre os educadores, *diferença* é percebida como *desigualdade*, enquanto *diversidade* remete a *dessemelhança*. De fato, o movimento da escola inclusiva valoriza a questão da diversidade e trabalha com grupos plurais de pessoas dessemelhantes. Mas há, também, a preocupação de que, ao se cogitar a diversidade como pluralidade (dessemelhança), perca-se de vista a diferença. Trata-se, então, de se resgatar o conceito de diferença no enfoque de peculiaridade, de características individuais.

Para além da pluralidade (dessemelhança), devemos valorizar a diferença como a manifestação de situações peculiares, de características individuais que precisam ser reconhecidas. Tal realidade gera necessidades especiais, desencadeando processos de ensino que atendam essas diferenças. As escolas precisam discutir as propostas para o ensino-aprendizagem, mas, caso mantenham uma abordagem tradicional sem olhar as diferenças das características individuais, achando que a diversidade resolve tudo, o ensino permanecerá, insatisfatoriamente, homogêneo.

Na valorização da diferença, a escola diversifica seu trabalho de prática pedagógica. O trabalho em grupo precisa ser privilegiado, e incentivadas práticas como a aprendizagem lúdica, a espontaneidade, a cultura do pensar e, particularmente, o desenvolvimento do currículo por projetos de trabalho (com atenção às necessidades de cada aluno). Trata-se de uma mensagem de projeto de trabalho semelhante ao aplicado pelo grupo da Barcelona, de Fernando Hernandez.

Cabe aos professores identificar os principais interesses das crianças no sentido de adaptar todo o currículo para suas necessidades. Por exemplo, propondo o tema “óculos”, um professor procuraria saber dos alunos o que sabem sobre o assunto, um segundo professor descobriria tudo o que gostariam de conhecer a respeito, e um terceiro professor analisaria o resultado da pesquisa e subdividiria o tema por áreas de conhecimento (história, geografia, matemática, língua portuguesa, etc). Tal é a noção de transdisciplinaridade sugerida pelo pensador francês Edgar Morin, a qual consiste na cultura da pesquisa e da reflexão.

Cito experiência pessoal com estudantes que, a partir de uma atividade de pesquisa com um tema sugerido por eles, elaboraram um livro, organizaram uma festa e venderam sua obra aos presentes. Certa vez, participei de um trabalho pedagógico numa favela carioca e fizemos essa atividade com as crianças daquela comunidade: o tema escolhido por elas foi “fossas”, o que dizia respeito à realidade de ausência de rede de esgoto do local. O trabalho resultou numa carta enviada ao administrador do bairro em que se solicitava a solução do problema das fossas.